

## CETICISMO CONTEMPORÂNEO FRENTE À POSSIBILIDADE DE UMA FUNDAMENTAÇÃO MORAL: HABERMAS E OAKESHOTT

CAIODÊ BOA MORTE DO CARMO CARDOSO;  
ROBINSON DOS SANTOS.

*Universidade Federal de Pelotas - the.caiode23@gmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – dossantosrobinson@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO:

A filosofia ocidental, desde a Grécia Antiga, tem valorizado o questionamento crítico como ferramenta para a construção do conhecimento. Neste contexto, a Escola de Frankfurt, ao longo do século XX, ressuscita essa tradição ao promover uma crítica robusta da sociedade moderna. Um dos principais representantes dessa corrente é Jürgen Habermas, que, por meio de sua Teoria do Agir Comunicativo, busca atualizar e redirecionar a Teoria Crítica, propondo que a comunicação racional pode fornecer uma base ética capaz de orientar as relações sociais em um mundo cada vez mais plural e complexo. Em contrapartida, o filósofo britânico Michael Oakeshott apresenta uma perspectiva cética que questiona tanto a viabilidade quanto a necessidade de uma fundamentação moral universal, criticando os pressupostos da racionalidade comunicativa e expondo as ambiguidades inerentes à linguagem e à ação política.

### 2. METODOLOGIA:

Para delinear o embate entre uma visão racionalista e idealizada da ética e uma visão cética e pragmática, este trabalho explora a Teoria do Agir Comunicativo (TAC) de Habermas e a crítica de Oakeshott. A proposta de Habermas se fundamenta na ideia de uma razão destranscendentalizada, que opera no contexto da comunicação prática e intersubjetiva, onde os interlocutores buscam acordos racionais e livres de coerção. Em contraste, Oakeshott enxerga a política e a moral como domínios marcados por ambivalências que a razão dificilmente consegue resolver. Segundo ele, as normas políticas e morais não são tanto verdades universais quanto compromissos contingentes, moldados pela tradição e pela experiência histórica.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Habermas argumenta que a razão prática, ao ser mediada pela linguagem, permite que os indivíduos superem diferenças culturais e subjetivas, aproximando-se de uma moralidade compartilhada. Sua abordagem propõe que o diálogo e a comunicação, quando livres de coerção e respeitando as condições de igualdade entre os participantes, podem gerar um consenso que se torna a base para normas éticas comuns. Com sua “razão destranscendentalizada”, Habermas espera escapar do apriorismo kantiano ao defender que a verdade se manifesta na prática discursiva, onde as afirmações devem se submeter ao escrutínio constante da comunicação intersubjetiva. A Teoria do Agir Comunicativo visa habilitar uma ética discursiva que se desenvolve por meio do

consenso em contextos democráticos, com a expectativa de que essa ética pode guiar a ação moral na sociedade contemporânea.

No entanto, Oakeshott oferece uma crítica profunda a esse ideal. Para ele, a linguagem é permeada por ambiguidades inevitáveis e está sujeita aos interesses individuais e coletivos que distorcem o discurso. Ele vê a política não como uma esfera onde a razão triunfa, mas como um campo onde a ação humana é moldada por tradições, hábitos e experiências. A política, segundo Oakeshott, é um campo onde a linguagem é empregada com fins estratégicos, e onde conceitos como “justiça” e “liberdade” são inevitavelmente ambivalentes. Em vez de aspirar a uma linguagem política clara e moralmente objetiva, ele reconhece que os termos políticos carregam em si conflitos de significado, tornando a possibilidade de uma ética discursiva racional uma ilusão. Esse ceticismo se baseia em uma visão pragmática da história, onde a política não busca verdades transcendentais, mas sim o gerenciamento prático de conflitos humanos complexos e irresolúveis.

A figura do “trimmer”, proposta por Oakeshott, exemplifica essa abordagem cética. O “trimmer” é aquele que, em meio às contradições da política, busca equilibrar interesses e garantir a estabilidade sem aspirações utópicas. Esse conceito representa uma alternativa ao idealismo de Habermas, já que o “trimmer” compreende que a política deve lidar com a contingência e as limitações humanas, em vez de tentar transcender a ambivalência por meio de uma razão universal. Para Oakeshott, as soluções políticas não podem ser baseadas em princípios éticos absolutos, mas devem ser formuladas de acordo com as necessidades e circunstâncias específicas de cada momento histórico.

A crítica de Oakeshott também se estende à ideia de que a comunicação racional pode conduzir à moralidade. Ele argumenta que a crença em uma comunicação completamente racional é, em si mesma, uma ilusão, pois a comunicação humana está sempre carregada de significados históricos, culturais e emocionais que não podem ser facilmente desfeitos ou simplificados. Assim, sua visão sugere que a busca por uma fundamentação moral universal pode ser uma tarefa fútil, uma vez que os contextos sociais e históricos variam amplamente, levando a diferentes interpretações e aplicações das normas morais.

Além disso, Oakeshott critica a ideia de que a razão pode ser um árbitro neutro e objetivo na esfera pública. Ele defende que a racionalidade é frequentemente utilizada para legitimar interesses particulares e que a política não pode ser reduzida a um conjunto de normas racionais que todos possam aceitar. Essa visão leva a um ceticismo profundo sobre a possibilidade de um acordo moral baseado apenas na razão, enfatizando que as disputas políticas e morais muitas vezes são irreconciliáveis, refletindo as complexidades da condição humana.

#### 4. CONCLUSÃO:

Habermas e Oakeshott representam polos opostos na discussão sobre a fundamentação moral. Enquanto Habermas, com sua confiança no poder transformador da comunicação racional, propõe uma ética discursiva que busca consensos em meio às diferenças, Oakeshott adota uma posição cética,

afirmando que a moralidade e a política são irreduzivelmente complexas e marcadas pela ambivalência. A “razão destranscendentalizada” de Habermas é uma resposta otimista aos dilemas da modernidade, enquanto o ceticismo de Oakeshott aponta para a persistência de ambiguidades que, para ele, caracterizam a natureza humana e a tornam imune a soluções racionais e universais.

No final das contas, o ceticismo de Oakeshott desafia a proposta habermasiana de uma fundamentação moral objetiva, revelando que, diante das limitações da linguagem e da experiência política, a ideia de uma moral universal pode ser mais uma aspiração do que uma realidade possível. Essa divergência entre os dois pensadores não apenas ilustra a complexidade do debate contemporâneo sobre ética e política, mas também ressalta a importância de considerar as nuances e as contradições que permeiam a busca por um entendimento moral em um mundo plural e diverso. Oakeshott, ao enfatizar a contingência e a historicidade das práticas morais, nos convida a adotar uma postura crítica e reflexiva, ao mesmo tempo que Habermas nos instiga a crer na possibilidade de um diálogo construtivo e emancipador, onde a razão pode, de fato, desempenhar um papel na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

## 5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

AUSTIN, J. L. **Quando Dizer É Fazer**: Porto Alegre: Editora Artes Médica, 1990.

BETTINE, M. **A Teoria do Agir Comunicativo de Jurgen Habermas**: bases conceituais / Marco Bettine. São Paulo: Edições EACH, 2021, e-book.

HABERMAS, J. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

OAKESHOTT, M. **A política da fé e a política do ceticismo**. São Paulo: É

realizações, 2018.